

Alta de juros está na mesa do Banco Central, diz Galípolo

Alta de juros está na mesa do BC, diz Galípolo; dólar fecha abaixo de R\$ 5,50

Visto como sucessor de Campos Neto, diretor reafirma alinhamento do Copom sobre a Selic

Stéfanie Rigamonti e Laura Intriéri

SÃO PAULO O diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo, disse nesta segunda-feira (12) que a possibilidade de aumento de juros, prevista na ata da mais recente reunião do Copom (Comitê de Política Monetária), está na mesa, a despeito de algumas interpretações do mercado.

Em meio a um momento de incertezas e volatilidade nos mercados, agentes financeiros haviam entendido que o comunicado divulgado no dia da reunião (em 31 de julho) não havia sido tão claro quanto à possibilidade de os juros subirem.

Na ata, porém, o BC subiu o tom e disse que não hesitaria em mexer no patamar da Selic para manter a inflação sob controle.

"Talvez em algum momento, quando se colocou o cenário alternativo (...), foi lido como retirar da mesa a possibilidade de alta. E isso não é a realidade do diagnóstico do Copom. Alta está na mesa, sim, do Copom", afirmou durante o Warren Day, evento com investidores em São Paulo.

Na reunião do dia 31 de julho, o Copom decidiu, por unanimidade, manter a taxa em 10,5% ao ano.

Nesta segunda, o dólar fechou em queda de 0,28% a R\$ 5,498, em parte por causa das declarações do diretor do BC. O mercado já havia reagido, na sexta, a afirmações feitas por Galípolo, quando ele disse considerar que o cenário atual era desconfortável para meta de inflação de 3% e que a ata do Copom era clara quanto à unanimidade, entre os diretores, da disposição por uma elevação na taxa Selic se necessário.

Distante da máxima de R\$ 5,739 de segunda a moeda americana acumulou perdas de 4,12% nos últimos dias. Galípolo é visto como o próximo presidente do BC, em substituição a Roberto Campos Neto, cujo mandato termina no fim deste ano, e ele tem sido lido como uma espécie coordenadora das expectativas de inflação.

No Senado, a antecipação sua indicação para setembro e a votação de seu nome são tidos como certas, segundo disse à Folha o presidente da CAE (Comissão de Assuntos Econômicos) do Senado, Vanderlan Cardoso (PSD-GO). Declarações de Campos Ne-



O diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo. Lulu Marques - 7 Jul 23/Agência Brasil

to também influenciaram na desvalorização do dólar nesta segunda.

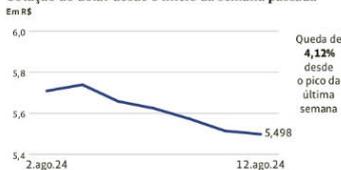
O presidente do BC afirmou que os mercados amplificam a repercussão de uma eventual recessão nos EUA sabendo que bancos centrais ao redor do mundo serão seletivos para atuar durante dificuldades econômicas.

"O mercado começou a entender que a barra para socorro por parte do BC ficou muito mais alta. Governos estão endividados, e espaço fiscal é muito menor", disse, durante inauguração de novo campus da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo.

Na análise de Hemelin Mendonça, especialista em mercado de capitais e sócia da AVG Capital, a fala do presidente do BC abre espaço para a interpretação de que o BC pode aumentar novamente os juros do país, mesmo que signifique desagradar ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Isso demonstra que a situação fiscal do país está sendo gerida de perto e com muita cautela, tanto pelo BC quanto pelo governo, que está se empenhando para entregar os cortes de gastos prometidos." Nesta segunda, Galípolo dis-

Cotação do dólar desde o início da semana passada



Fonte: CMA

Expectativas para inflação voltam a subir

Analistas consultados pelo Banco Central elevaram, pela quarta semana consecutiva, a expectativa para a alta do IPCA ao final deste ano, mas não projetaram um aumento da Selic após autoridades do BC reiterarem seu compromisso com a convergência da inflação à meta, mostrou o boletim Focus desta segunda (12). Segundo o levantamento, que capta a percepção do mercado para indicadores econômicos, economistas agora veem o IPCA fechando 2024 em alta de 4,20%, ante

4,12% na semana anterior, em avaliação que vem na esteira da divulgação de números acima do esperado para o índice em julho. Na sexta (9), o IBGE relatou que a inflação ao consumidor acelerou no país em julho, subindo 0,38%, maior taxa desde fevereiro e após alta de 0,21% no mês anterior. No acumulado de 12 meses até julho, o IPCA teve alta de 4,50%, teto da meta de 3% de inflação do BC. As expectativas para o preço do dólar para 2024 e 2025 ficaram em R\$ 5,30.

zou a decisão para a taxa Selic e é divulgada em até quatro dias úteis após a reunião.

Galípolo usou uma referência futebolística para defender que o comitê está alinhado —ele disse considerar que não seria bom para a credibilidade do BC "mirar em um lado e chutar para outro canto".

Desde a divulgação da ata, Galípolo reafirmou, em declarações públicas, que o Copom está alinhado e que a possibilidade de elevação da taxa, que ainda não aparecia nas atas anteriores, está sendo avaliada.

Segundo Galípolo, se a interpretação do mercado está diferente da intenção das comunicações, fica a cargo do BC explicitar qual era a intenção.

O diretor também destacou que a ata não trouxe nenhum guidance, ou seja, uma indicação do que a autoridade pretende fazer na próxima decisão de juros.

Para ganhar credibilidade do mercado, porém, disse ele, é necessário que os novos diretores do BC, indicados pelo governo atual, mostrem alinhamento no que dizem e no que fazem.

Apesar da leitura no mercado e mesmo no Congresso de que ele deverá ser o próximo presidente do Banco Central, o diretor da autoridade monetária disse que a escolha é de Lula, e que esta precisa passar por aprovação do Senado.

O diretor do BC disse que a transição de presidência será um passo importante e desafiador, já que é a primeira mudança de comando após a aprovação da autonomia da autarquia no governo passado. Ele afirmou que a tendência, com o tempo, é a de que as decisões estratégicas do BC ocorram de forma cada vez mais colegiada, ou seja, em equipe.

Galípolo sinalizou que essa transição no BC após a saída de Campos Neto não deve causar muitas mudanças, citando que seis diretores da gestão anterior permanecerão na autarquia, e que o mercado já conhece como é o voto e a opinião deles.

Galípolo também disse que há uma preocupação dos agentes financeiros com os novos temas que aumentam a volatilidade global nos mercados e afirmou que, no Brasil, dois assuntos que ampliam o radar do BC são as criptomonedas e as apostas online, conhecidas como bets.

Segundo Galípolo, não há clareza do impacto deles sobre a inflação, o que aumenta a postura de "cautela" do BC.

Uma questão que parece anedótica, mas que vem crescendo bastante, é a questão das chamadas bets, os jogos de apostas. Muita gente grande apresentando explicação por ali para entender o hiato que a gente vê entre o crescimento da renda que não aparece nem no crescimento do consumo nem no crescimento da poupança."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: P Pagina: 1